

A INVISIBILIDADE FEMININA COMO FONTES NO PROGRAMA COMBATE AO CORONAVÍRUS

Muriel Emídio Pessoa do Amaral¹

Paula Melani Rocha²

RESUMO

Durante a pandemia do Sars-Cov2 houve protagonismo das mulheres na linha de frente ao combate do então novo vírus. Eram médicas, enfermeiras, assistentes sociais e outras profissionais empenhadas em diversas atividades. Por outro lado, a visibilidade das mulheres não foi contemplada nas práticas jornalísticas como fontes consultadas nas reportagens e notícias, como consta nos 49 episódios do Programa Combate ao Coronavírus, exibido pela Rede Globo de Televisão e plataformas digital do canal. Das 566 fontes encontradas, apenas 207 delas eram mulheres. Enquanto profissionais de medicina, das 206 fontes entrevistadas, 68 eram mulheres. Destarte, o número de mulheres consultadas na prática do jornalismo, a despeito do protagonismo feminino, é inferior às fontes masculinas.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Fonte jornalística. Mulheres. Cobertura jornalística

INTRODUÇÃO

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia do então novo Coronavírus, que provoca a Covid-19, doença desconhecida que em pouco tempo tornou-se inimiga a ser combatida em todo o planeta. De uma hora para outra, cidades se silenciaram e permaneceram em quarentena por dias a fio com o objetivo de interromper a transmissão do vírus e, assim, não promover a superlotação de hospitais. Também de uma hora para outra, os rostos foram tampados por máscaras como medida sanitária para não haver a infecção. Se por um lado, houve a necessidade de manter distanciamento, evitar compartilhamento de objetos pessoais e

¹ Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Doutorado sanduíche em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro. Correio eletrônico: murielamaral@yahoo.com.br.

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1991), graduação em Jornalismo pela Faculdade Casper Líbero (1990), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (1997) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (2004). Tem pós-doutorado em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa, Porto-Portugal. Coursou especialização em Multimeios na Universidade de Harvard - EUA (1996). Atualmente é professora associada do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordena os grupos de pesquisa O Conhecimento no Jornalismo e Jornalismo e Gênero, ambos cadastrados no CNPq. Integrou a equipe do Atlas da Notícia, como coordenadora da equipe do Jornalismo da UEPG em 2020. É conselheira da Fundação Educacional de Ponta Grossa (FUNEPO). Integra a Comissão Permanente de Acompanhamento e Avaliação de Cotas da UEPG, desde outubro de 2020. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq - PQ2. Correio eletrônico: pmrocha@gmail.com.



aglomerações, em países como o Brasil, por exemplo, nem todas as medidas foram respeitadas ou possíveis de serem realizadas. Assim, grupos e sujeitos em estado de vulnerabilidade como pessoas em situação de rua e mais pobres, além de negros, mulheres e pessoas com comorbidades estavam sujeitos a contrair a doença. Além da negligência do então presidente Jair Bolsonaro em não estruturar políticas públicas condizentes para enfrentar a pandemia, ele foi porta-voz do descaso e de discursos anticientíficos que colocaram em risco a eficiência das vacinas e propagou o consumo de medicamentos ineficientes no combate à doença.

Dentro dessa realidade pandêmica, as mulheres promoveram o protagonismo no enfrentamento da Covid-19, tanto na produção de conhecimentos para esclarecimentos à população como no cenário político, enquanto líderes políticas com medidas sanitárias e de assistência aos mais vulneráveis. Com o objetivo de reconhecer a visibilidade de mulheres também no campo jornalístico, enquanto fontes consultadas para a produção de notícia e reportagens, a pesquisa analisou o programa Combate ao Coronavírus, produzido e transmitido pela Rede Globo de Televisão e alocado nas plataformas digitais.

O programa substituiu praticamente toda a grade de programação matutina do canal com esclarecimentos e medidas de proteção contra o coronavírus e permaneceu no ar do dia 17 de março de 2020 a 22 de maio do mesmo, sendo que a partir do dia 17 de abril, a duração passou de duas horas diárias para uma hora. Ao fazer a contagem de fontes e a distinção entre homens e mulheres, em primeiro momento, e, depois, a contagem de profissionais de medicina e a mensura entre homens e mulheres, em ambos os grupos foi diagnosticado número inferior de mulheres em relação ao de homens nas edições do programa, a despeito do protagonismo feminino na pandemia.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para compor o quadro teórico-metodológico, a pesquisa se apoia no conceito desenvolvido por Hannah Arendt (2010) de visibilidade. De acordo com a autora, a visibilidade é desenvolvida enquanto processo da ação política que prevê o reconhecimento de grupos e sujeitos no espaço público. Assim, ainda na esteira do pensamento de Arendt, não é possível promover a visibilidade sem a arquitetura do diálogo e da pluralidade de representações.

A invisibilidade de mulheres nos discursos e práticas jornalísticas não é algo recente. Rocha e Dancosky (2016) perceberam a ausência feminina nas editorias de



tecnologia tanto em fontes consultadas como em profissionais que atuam na área específica. A percepção de Silva (2010) dialoga com essa perspectiva ao acreditar que o jornalismo pertence ao gênero masculino, uma vez que os processos de produção da notícia são permeados por signos masculinos. O diagnóstico da autora vai ao encontro do entendimento de Tuchman (1978) ao reconhecer que a notícia é composta por vários atravessamentos, inclusive de ordem de gênero.

Na pesquisa foram reconhecidas fontes todas e qualquer pessoa que foi entrevista em alguma reportagem do programa, bem como aquelas que compunham a bancada de profissionais que estavam ao vivo junto ao apresentador e esclareciam dúvidas sobre a infecção e a doença. Assim, as fontes, independentemente da classificação estabelecida: oficiais, oficiosas ou independentes ou até mesmo primárias ou secundárias (LAGE, 2000), contribuem para a composição da notícia não apenas como mananciais de informações, mas enquanto sujeitos e grupos possíveis para o estabelecimento de diálogo para compreensão dos acontecimentos.

RESULTADOS

A pesquisa sinaliza para mais uma forma de incongruência na contemplação de mulheres nas práticas do jornalismo, mesmo havendo maior participação das mulheres no combate aos efeitos da pandemia de Covid-19. Para realizar o diagnóstico, foram analisados os 49 episódios do programa que totalizaram 73 horas de exibição em TV aberta. Assim, o programa consultou 566 fontes na construção das reportagens e deste universo 359 eram homens e 207 eram mulheres. O mesmo procedimento foi para reconhecer profissionais de medicina. Do universo médico foram reconhecidas 206 fontes, sendo que 138 eram homens e 68 eram mulheres.

O número de profissionais de medicina escolhido como fonte do programa não reflete com proximidade a realidade de profissionais que conseguem a graduação na área. De acordo com a Demografia Médica no Brasil de 2018 (SCHEFFER, M. et al., 2018), baseado em 2017, dos 414.831 dos profissionais, 54,4% são homens e 45,6% de mulheres. Todavia, há mais registros de mulheres de até 29 anos (57,4%) e na faixa etária dos 30 a 34 anos (53,7%). Além disso, há crescimento significativo de mulheres com registros nos conselhos estaduais entre os anos de 2000 e 2016. Enquanto dos 8.166 profissionais registrados em 2000, 3.594 eram mulheres (44%) e 4572 eram homens (56%). Em 2016, houve 18.753 registros, sendo que 10.297 (54,9%) eram de mulheres e 8.456 (45,1%) eram registros de homens. A partir da leitura dos dados

apresentados e a produção de notícias, a diferença entre as quantidades de fontes masculinas e femininas pode ser compreendida, pelo entendimento de Silva (2010), pela generificação do jornalismo, ou seja, a escolha de profissionais como fontes também perpassa as questões de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa constata que houve a ausência de contemplação das mulheres como fontes de informação nas práticas do jornalismo, o que não acompanhou o desempenho feminino no combate à infecção e à Covid-19. Assim, a hipótese da falta de visibilidade de mulheres foi confirmada e a diferença entre homens e mulheres como fonte se fez presente, a despeito do protagonismo das mulheres na pandemia. Nem mesmo a quantidade de médicas foi equidistante à quantidade de médicos consultados pelo programa.

As práticas do jornalismo seguem pelos mesmos caminhos do gênero masculino ao promover a desproporção entre o número entre homens e mulheres como fontes consultadas, o que perpetua os movimentos que são acompanhados há alguns anos dentro do universo das práticas da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo e revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GLOBAL MEDIA MONITORING PROJETCT. **Who makes the news**. Brasil National Report. [S. l.]: Wacc Comu-nication for All, Code for Africa, 2020. Disponível em: <https://whomakesthenews.org/wp-content/uplo-ads/2021/07/1-Relatorio-GMMP-Brasil-portugues--12-07-21-completo-1.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2021.

LAGE, Nilson. Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teorias. **Biblioteca Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, 2000. p. 1-15. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2000/papers/relacionamento-do-reporter-com-as-fontes--procedi-mentos-e-teoria?lang=pt-br>. Acesso em: 24 fev. 2021.

ROCHA, Paula Melani; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A feminilização do jornalismo e a ausência de perspectiva de gênero nas editorias de tecnologia no Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, n. 35, p. 119-136, 2016. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201635.119-136>.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre modos de produção das notícias**. 2010. Dissertação (Mestrado em Curso de



Comunicação e Informação, Biblioteconomia e Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHEFFER, M. et al. (coord.). **Demografia Médica no Brasil 2018**. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo: Conselho Federal de Medicina, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/DemografiaMedica2018.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

TUCHMAN, Gayle. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.